



«Fe 26» - Alexandra Rafael

3 Fevereiro / 31 Março 2018

Galeria das Salgadeiras

Antes que o corrector ortográfico mental entre em acção, esclareça-se que, apesar de um jogo de palavras estar subjacente, não existe nenhuma gralha no título. É mesmo «Fe 26», sem acento, o símbolo químico do elemento que ocupa a 26ª posição na Tabela Periódica, um dos mais abundantes elementos na crosta terrestre e que dá a cor vermelha ao sangue. Não são meras referências enciclopédicas sobre o ferro as que se enunciam neste texto, são, antes, considerações relevantes no processo criativo de Alexandra Rafael. A força de uma substância que, existindo em todo o lado, por vezes escasseia, como no seu caso, terá, porventura, contribuído para este fascínio pelo ferro, tanto nos materiais como nas suas ligações autobiográficas e nas suas vivências. Os metais, ferro, cobre, alumínio, têm tido uma presença quase constante no seu ainda recente percurso artístico, dilatando os territórios da gravura, o que é bem visível na assumpção da matriz enquanto obra de arte, ou na criação de diversas camadas na gravura tornando-a mais "objectual".

Simbólica e formalmente, o ferro é, então, o elemento agregador desta exposição que leva no título a sua designação química. Uma árvore que se fragmenta em gravuras de gesso, sustidas numa enorme estrutura de ferro, com vazios que se, por um lado, a tornam incompleta, por outro criam espaço para outras interpretações. Uma espécie de relicário, que mapeia e arquiva um tempo passado, composto por centenas de frascos, cada um com uma memória fixada (eternizada?) num papel de gravura, num bocado de ferro, ou em matéria orgânica. Um conjunto de matrizes em cobre (poderia ser ferro...) nas quais são gravadas composições manuais feitas a partir de radiografias e ecografias, que ganham profundidade com alguns fragmentos dessa mesma gravura, suspensos em diferentes camadas, como se estivéssemos a desbravar os campos (ocultos) de uma memória, tornando-a, nesse instante, também nossa. E, fechando-se no discurso expositivo, o ciclo, porém, abre-se com a apresentação das próprias gravuras, revelando estes "Ecos" da memória de Alexandra Rafael que, assim, emergem para o espaço colectivo. Trazem consigo, estas matrizes e gravuras, a memória de um árduo e complexo processo, composto por diversas fases de criação e construção, ao mesmo tempo que nos convocam para a contemplação do belo e de uma certa nostalgia de um tempo que já tendo sido, continua a sê-lo. Estes "ecos" são repetições longamente reiteradas, são sons que se reflectem, são ressonâncias que ficam (lhe ficaram) como

marcas. São, no fundo, as suas memórias que, através de registos médicos e imagéticos, resgatam a presença da avó materna na vida de Alexandra Rafael. Afinal, poder-se-á dizer, sempre voltamos aos afectos.

Falando de afectos, revela-se, pois, o outro lado do jogo de palavras. Coloquemos, portanto, o acento que intuitivamente sentimos que faltava. Sim, a fé. De fé também fala esta exposição, não tanto no seu sentido religioso, antes do literal. A fé em encontrarmos outros significados nos objectos que nos rodeiam, a fé de, ao activar a memória nessa procura, nós próprios começarmos a entender a arte e a vida de outra maneira e lhe darmos outro sentido e formalidade. Dizia o ditado francês, que tanto inspirou Marcel Duchamp e a Arte Contemporânea: «Tell me whom you haunt and I will tell you who you are». Quem seremos nós?

Ana Matos

Janeiro 2018

(Ana Matos escreve de acordo com a antiga ortografia)



«Fe 26» - Alexandra Rafael

3 February / 31 March 2018

Galeria das Salgadeiras

Before our autocorrect mentally kicks in, we must clarify that, even though there is some underlying wordplay at stake, there is no typo in the title. It is indeed Fe 26, with no accent mark [In Portuguese there's only this word, Fé, meaning Faith]: the chemical symbol for the element in the 26th position in the Periodic Table, one of the most abundant on the planet crust and the one which gives blood its red color. Yet this text is not about listing encyclopedic references on iron, but about providing relevant considerations on Alexandra Rafael's creative process. The value of a substance that despite being everywhere, is sometimes scarce, may have contributed to her fascination for iron, both as matter and as autobiography and experience. Metals, iron, copper, aluminum, have been an almost constant presence in her fairly recent artistic career, expanding the field of engraving, quite evident in acknowledging the engraving matrix as a work of art, or by creating several layers in the engraving, to make it even more of an object.

Iron is, therefore, symbolically and formally, the unifying element of this exhibition that bears its chemical nomenclature as a title. A tree, fragmented into plaster engravings hanging from a huge iron structure, with void spaces that make it, on the one hand, incomplete, and on the other hand, open for interpretation. Some sort of shrine mapping and keeping record of a bygone era, made of hundreds of jars, each holding a memento, a memory forever (?) crystallized in engraved paper, in a chunk of iron, or in organic matter. A set of copper matrices (it could be iron) engraved with manual compositions made from medical x-rays and ultrasounds, to which depth is added by suspending layers of the same engraving's fragments, as if exploring the (hidden) grounds of a memory, making it ours in the process. The cycle closes itself in the exhibition narrative; nevertheless, it opens up, as the display of these engravings that unravel "Echoes" of Alexandra Rafael's memory bring them into the collective space. These matrices and engravings bear the memory of a hard and complex process, of the different stages of conception and construction, but they also take us to the contemplation of beauty, and to some sort of nostalgia for a time that has past, but is still going. These "echoes" are long reiterated repetitions, they are sounds reflecting, sounds that linger (have lingered) as tokens. These echoes are, ultimately, Rafael's memories reclaiming the presence of her grandmother in her life through medical records and images. One might say that one always goes back to affection, eventually.

And when we are speaking of affection, the other side of the wordplay becomes clearer. Let us [speakers of Portuguese] put the accent mark we felt was missing earlier. Yes, faith [Portuguese Fé]. Because this exhibition also speaks of faith, not in its religious sense, but rather its literal one. The belief in finding other meanings in the objects around us; the belief in, by activating memory in that search, starting to understand art and life in other ways, giving it other meanings and shapes ourselves. There is a French quote that deeply inspired Marcel Duchamp and Contemporary Art: «Tell me whom you haunt and I will tell you who you are». Who could we be?

Ana Matos

January 2018